

J. L. Vasconcelos e os percursos por Tomar antiga

Salete da Ponte*

Resumo

Apresentamos um conjunto de observações sobre a grafia *Seilium* e o hidrónimo Navia/Nabia/Nabam, temática já analisada por diversos autores, o primeiro dos quais o ilustre investigador J. L. de Vasconcelos. Conclui-se com a identificação de uma escultura inédita, existente no Convento de Cristo, em Tomar, e que representa um *Genius* masculino.

Résumé

Sont présentés un ensemble d'observations sur la graphie Seilium et l'hydrographe Navia/Nabia/Nabam, dont thématique fut analysée par J. L. de Vasconcelos. On conclut cet étude par l'identification d'une sculpture romaine inédite, qui représente un Genius masculin.

* Instituto Politécnico de Tomar

J. Leite de Vasconcelos, possuidor de um espírito universalista no campo das ciências humanas, marcou com o seu rigor científico, uma geração de investigadores, de curiosos do saber, tendo desenvolvido uma intensa actividade intelectual em domínios do conhecimento do povo português, designadamente nas áreas da Etnologia, Arqueologia e Filologia. As duas obras de maior envergadura, *Religiões da Lusitânia* e a *Etnografia Portuguesa*, reconstroem a história colectiva de Portugal, desde os tempos mais remotos até aos últimos anos do seu autor. As suas obras são documentos fundamentais e imprescindíveis para o estudo, análise e interpretação das comunidades que habitaram o actual solo português. A abundância e diversidade de informações etnográficas e arqueo-históricas na sua vasta produção literária são determinantes para a investigação científica do passado histórico do actual território português. Este quadro diversificado e complexo da geografia humana de Portugal contém preciosas informações sobre a estrutura e mecanismos de distribuição e evolução dos habitantes que ocuparam sucessivamente este espaço físico. É neste painel geo-histórico que procuraremos evidenciar os aspectos arqueo-históricos mais significativos da região de Tomar, descritos, analisados e interpretados por J. L. de Vasconcelos nas suas obras.

Definiremos como região de Tomar o território político-administrativo de *Sellium* na época de Augusto, o qual excedia os limites fronteiriços do actual concelho de Tomar. A *civitas* tinha como prováveis marcos fronteiriços *Scallabis* a sul, pelo paralelo de Torres Novas, e a norte *Conimbriga*, pelos paralelos de Alvaiázere e Ansião; a nascente ligar-se-ia a *Aritium Vetus* (Abrantes), pela fronteira natural do rio Zêzere e a poente confinaria com *Collipo* (S. Sebastião do Freixo), pelo paralelo de Pombal e por entre as suas serras de Aire e de Sicó (Alarcão, 1988a, p. 112). As importantes achegas arqueológicas de J. L. de Vasconcelos sobre lugares, sítios, topónimos, achados fortuitos, fontes literárias e epigráficas, foram decisivas para os vindouros e para as novas gerações de investigadores que rastream os dados materiais divulgados, conferindo-lhes uma visão dinâmica e ordenada das coisas com história.

Focalizemos a nossa atenção para duas questões relacionadas com a importância geográfica da *civitas* de *Sellium* e com os documentos epigráficos integrados em construções posteriores ou recolhidos como achados ocasionais

(Ponte, 1985, p. 15-25, 1993a, p. 447-459; Ponte *et al.* 1993) na região de Tomar. A localização (Ponte, 1986, p. 44) e a definição provável das fronteiras administrativas de *Sellium* (Alarcão, 1988, p. 112) permitem, a par das inúmeras achegas arqueológicas comentadas e atualizadas pela aplicação recente de técnicas e métodos científicos, uma nova abordagem sobre a grafia de *Sellium* (Fernandes, 1996, 1997), o significado do topónimo *Nava = Naba = Nabam* (Guimarães, 1874, p. 96) como a ampliação interpretativa do quadro sócio – económico e cultural desta *civitas*.

A recente análise epigráfica e arqueológica dos testemunhos materiais anteriormente divulgados têm concorrido para um melhor conhecimento da população seliense. É nesta perspectiva que se enquadram os estudos recentes sobre o topónimo com a grafia *Seilium = Sellium* e sobre os variadíssimos aspectos geo-históricos da comunidade seiliense.

As fontes históricas antigas citam o nome de *Sellium* na Lusitânia, entre *Scallabis* e *Conimbriga*, e não *Seilium* ou *Saelium* (?) como nalgumas inscrições funerárias (Fernandes, 1996, p. 5-6; Vasconcelos, 1914, p. 365-366) achadas na igreja paroquial de Queiruja (Son, La Coruña), no mosteiro do Lorvão (concelho. de Penacova) e em Quintana de La Serena (Badajoz), correspondente a famílias originárias do município romano em Tomar. A grafia *Seilium* na opinião de alguns investigadores peninsulares (Roldán-Hervás, 1975) corresponderia ao nome da antiga cidade romana de Tomar no Século I, enquanto que a grafia do Itinerário de Antonino *Sellium* seria “uma deturpação do nome, própria da época em que foi redigido” (Fernandes, 1996, p. 5-6). Luís Fernandes (1997) apresenta-nos uma rede paleográfica dos múltiplos aspectos étnicos, sociais, religiosos e culturais da população seiliense, incluindo a análise interpretativa da grafia de *Seilium*.

O termo *Seilienses* referido nas inscrições funerárias da Corunha (Hubner, 1869 = *CIL* II 2562, 1892 = *CIL* IIS; Vives, 1971 = *ILER* 5453, 1972; Pereira Menaut, 1991 = *CIRG* I 78) e do Lorvão (Fernandes, 1996, p. 5-6), indica que ambas são atribuíveis aos meados do Séc. I d.C.; uma, em memória de *G. Attius Attianus Ruffinus*, de 22 anos, e outra dedicada a *G. Valerius Iulianus*, de 18 anos, ambos os defuntos originários de *Seilium*. Note-se que entre as estelas reutilizadas para a construção da Torre de Menagem do Castelo Templário de Tomar, há duas estelas de calcário, uma referente ao sepulcro de *Sabinula* e de *G. Attius Rufus* (*CIL* II 334), pais de *G. Attius Attianus Ruffinus*, que falecera em terras da Galiza (*CIL* II 2562), e outra (*CIL* II 333) erguida por *Sabinula* em memória do filho na sua terra natal, *Seilium* (Ponte e Fernandes, 1993, p. 161-189 = *CIL* II 334 = *ILER* 6504; *CIL* II 333 = *ILER* 4209). A inscrição funerária de Quintana de La Serena (Badajoz), com o texto *D(iis) M(anibus) S(acrum)/Lutetia/Saeliensi* constitui, na opinião de Luís Fernandes, uma importante e valiosa achega para a atribuição correcta do topónimo da antiga *civitas* de Tomar. Assim, a grafia *Saelium* corresponderia à grafia erudita e própria do latim de boa época (Fernandes, 1996, p. 3 e 38), ao passo que *Seilium* documentaria a pronúncia local no século I d.C. Amílcar Guerra observa, pela informação fornecida a Luís Fernandes, que a fonética do ditongo *ae* no tempo do Itinerário de Antonino (inícios do século III d.C.), corresponderia a /e/, daí a grafia tardia de *Sellium* surgir nas fontes literárias dos séculos III-IV d.C. A documentação epigráfica descoberta no extremo ocidente peninsular revela a importância de *Saelium /Seilium /Sellium*, como município e como eixo viário no mundo

peninsular romano. Os epítáfios seilienses invocam a integração plena da população indígena aos cultos, crenças e hábitos culturais, sem esquecer a sua cidade natal, nem tão pouco as divindades locais expressas nas inscrições romanas (Fernandes, 1996).

Reportemo-nos a uma outra questão abordada por J. L. de Vasconcelos (1905, p. 253 e 277-281), e posteriormente por outros autores (Ponte, 1993b, p. 148) sobre a divindade *Navia* ou *Nabia/Nabiam*. O termo *Navia* ou *Nabia / Nabiam* tal como *Saelium* é um topónimo céltico, como nos corroboram os testemunhos arqueológicos recolhidos na área urbana de Tomar (Ponte, 1993a, p. 447). J. L. de Vasconcelos faz uma análise dos nomes derivados e compostos de divindades com o elemento *Navia* ou *Nabia*. Compara-os com a divindade fluvial indígena *Tongoenabiagus* talhada num aglomerado rochoso, sob a forma de santuário rupestre – Fonte do Ídolo – que fora dedicado por Célico Fronto, originário da cidade de *Arcobriga* (*CIL* II, 765). Admite que sejam divindades aquáticas ou fontanárias locais, de natureza céltica (?). O seu culto surge em larga escala na Galiza, como nos refere J. L. de Vasconcelos (1905, p. 253-254), sempre associado ao *Genius* da água. Estes testemunhos arqueológicos situam-se dentro da área limite da antiga Lusitânia (Vasconcelos, 1905, p. 277-281). Citemos as inscrições romanas recolhidas no concelho da Sertã (lugar do Roqueiro, freguesia de Pedrogão Pequeno = *CIL* II 5623), no concelho de Paredes (perto de Vandoma e Baltar = *CIL* II 2378), em Alcântara, na Estremadura Espanhola (*CIL* II 756), e na Galiza (Monte de S. Pedro, Freguesia de Nocelo da Pena, Ginzo de Limia, Província de Orense = *CIL* II 5622), onde outras são referenciadas sem localização exacta (*CIL* II 2601 e 2602). A paleografia destas inscrições romanas sugere um formulário evocativo a divindades fluviais, perfilhando a mesma opinião de J. L. de Vasconcelos quando reforça a sua tese com a citação de termos onomásticos mencionados por Ptolomeu (*Geographia* II, 6, 4 e 5) e Plínio (*Nat. Hist.*, IV, 111). Estas inscrições surgem, em regra, nas imediações das vias fluviais, à excepção da divindade de *Tongoenabiagus*, associada à Fonte do Ídolo. Tal facto, não contraria nem fragiliza a tese de *Navia* ou *Nabia* pertencer à categoria de divindades aquáticas veneradas na área galaico-minhota na Estremadura e entre o rio Douro e o Tejo. Hoje, localizamos, pelo menos, dois onomásticos: um, em Tomar, dando nome ao rio Nabão, e outro na Galiza, entre as povoações de Bouzas e Vigo, referindo-se ao rio e lugar de San Pelayo de *Navia*. É provável que o termo Nabão tenha derivado de *Navia / Nabia / Nabam*, divindade aquática venerada na civitas de *Seilium* (Ponte, 1993b, p. 148; Ponte e Fernandes, 1993, p. 168), como sugerem V. Guimarães (1874, p. 96) e S. Conde (1996, p. 33-34). O nome de *Nava* atribuído ao rio aparece pela primeira vez no *Chronicon* de Idácio, século. V d.C. (Rosa, 1988, p. 25), para depois no *Divisio de Wamba*, em 675, degenerar em *Navam*. Viterbo na sua obra *Elucidário* (Rosa, 1988, p. 29) refere-se à palavra *Nabam* como tendo sido um tributo visigótico de passagem nos rios ou para neles pescar. Note-se que os termos *Nava* ou *Navam* e *Selio* referidos na célebre divisão do bispado de Idanha, feita no concílio de Toledo, em 675, correspondem à fonética usada nos séculos VI-VII, tendo provavelmente derivado, respectivamente de *Navia/Nabia* e de *Saelium/Seilium*. É curioso comparar a morfologia escultórica da divindade da Fonte do Ídolo com a existente no pego de Santa Iria (convento de S.ta Iria), cuja água da cisterna era tida nos séculos VI/VII como miraculosa, curando todas as enfermidades. Teria

existido aqui na época romana uma fonte sagrada dedicada à divindade *Navia*, para depois se ter transformado no local martirológico da santa nabantina *Iria*, *Eyrea* ou *Irené*?

Por outro lado, a expressão *Navia/Nabia* significava “água corrente” (Vasconcelos, 1905, p. 279), sendo comum a veneração do precioso elemento da natureza e extensivo em muitos lugares do mundo da Lusitânia proto-histórica e histórica. J. L. de Vasconcelos refere-se ainda ao termo *Naban*, *Namban* ou *Nabam*, citados no documento forjado do Século XII, a “Divina Wambae”, considerando que aquele hidrónimo poderia estar relacionado com o nome de Nabância ou Nabança. J. Cardim Ribeiro (1983, p. 331-369) faz uma abordagem dos cultos e devoções existentes no Município Olisiponense através da análise do hidrónimo *Navia* ligado ao culto das águas. A evolução fonética de *Navia/Nabia* deu nome como já afirmamos ao rio Nabão e daqui a expressão genérica de Nabância (Alarcão, 1988b, p. 59-66), espaço ocupado pelos romanos seilienses. J. L. de Vasconcelos (1914, p. 146-151) refuta a designação de Nabância atribuída pelo arqueólogo Possidónio da Silva (1883, p. 152-154) às ruínas de Cardais, que não passavam de memórias preciosas de uma *villa* romana da *civitas seiliense*. A descoberta do *Forum* na margem esquerda do Nabão, na actual cidade de Tomar, veio dar razão a J. de Barreira (1618) que refutou as pretensões imaginárias de Possidónio. A inscrição votiva dedicada ao GENIO MUNICIPII = ao Génio do Município documenta o culto desta divindade na região de Tomar. Muito recentemente reconhecemos uma escultura de calcário nos fundos do Convento de Cristo de Tomar, que representa um menino com o manto em volta da cintura e do ombro e um bastão na mão direita. Foi oferecida pelo Sr. Joaquim Barbosa à UAMOC, tendo sido descoberta na sua propriedade. Parece-nos simbolizar uma divindade consagrada aos Génios, talvez dedicada ao génio público, pessoal(?) ou familiar(?). Está desprovida de qualquer dedicatória, embora nos pareça que esta figurinha escultórica pudesse ter pertencido a um monumento funerário. Revela, por outro lado, uma produção provincial, faltando-lhe a perna esquerda. Em suma, a documentação epigráfica e arqueológica sobre *Saelium* dispersa nas obras de J. L. de Vasconcelos tem sido analisada, comentada e actualizada com novas achegas arqueo-históricas, graças aos resultados recentemente divulgados pela comunidade científica, que se dedica sobre este tempo e espaço históricos.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de (1988a) – *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips Ltd.
- ALARCÃO, J. de (1988b) – Nabância e Concórdia. *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. Santiago do Cacém. S. 2, 2.
- BARREIRA, I. (1618) – *História de S.ta Iria*. Lisboa.
- CHIBNALL, M. (1975) – Pliny's Natural History and the Middle Ages. In DOREY, T. A. ed. – *Empire and the aftermath, Silver Latin II*. London / Boston: Routledge and Keagan Paul. p. 57-78.
- CONDE, M. S. A. (1996) – Thomar Medieval. O Espaço e os Homens. *Patrimonia Historica*. Cascais.
- FERNANDES, L. S. (no prelo) – Incrições romanas de Tomar e o seu Termo. *Boletim Cultural*. Tomar. 21 (1997).
- FERNANDES, L. S. (1996) – *A Presença da Mulher na Epigrafia Romana do Conventus Scalabitanus*. Porto. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras.
- GUIMARÃES, V. (1874) – *Thomar. Sta Iria*. Tomar.
- HUBNER, E. (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlim. vol. II.
- HUBNER, E. (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Supplementum*. Berlim. vol. IIS.
- MUELLER, C. (1883) – *Claudi Ptolomaei Geographia*. Paris. I.
- PEREIRA MENAUT, G. (1991) – *Corpus de Inscricións Romanas de Galiza – Provincia de A Coruña*. Santiago. vol. 1.
- PONTE, S. da (1985) – Tomar: história e geografia humanas no tempo e no espaço. *Arqueologia na Região de Tomar – da pré-história à actualidade*. Tomar. 1.
- PONTE, S. da (1986) – Inserção do *forum* de Sellium no tecido urbano de Tomar. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 43-47.
- PONTE, S. da (1993a) – Achegas sobre a estrutura urbana de Sellium, Tomar. In *XXII Congresso Nacional de Arqueologia*. Vigo. 2, p. 447-459.
- PONTE, S. da (1993b) – A cidade: memórias e sobrevivências históricas. *Boletim Cultural*. Tomar. 18, p. 145-157.
- PONTE, S. da e FERNANDES, L. S. (1993) – Sellium Romana: sua história. *Boletim Cultural*. Tomar. 19, p. 161-189.
- PONTE [et al.] (1993) – Sellium na história antiga peninsular. In *II Congresso Peninsular da História Antiga*. Coimbra. p. 511-549.
- RIBEIRO, J. C. (1983) – Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz aquático relativos ao território do município Olisiponense. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. p. 331-369.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. (1975) – *Itineraria Romana. fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Peninsula Iberica*. Valladolid.
- ROSA, A. (1965) – *História de Tomar*. Tomar. I.
- SILVA, P. N. da (1883) – Descobrimto da Cidade Romana Nabância em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívics e Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. S.1, 3, p. 152-154.
- VASCONCELOS, J. L. de (1914a) – Incrição Romana de Lorvão. *O Archeologo Português*. Lisboa. 19, p. 365-366.
- VASCONCELOS, J. L. de (1914b) – Antiguidades de Tomar. *O Archeologo Português*. Lisboa. 19, p. 146-151.
- VASCONCELOS, J. L. de (1897 – 1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 3 vols.
- VASCONCELOS, J. L. de (1933 – 1989) – *Etnografia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 10 vols.
- VIVES, J. (1971) – *Inscripciones Latinas de la España Romana*. Barcelona.

